



---

Conferência Mundos Comunicados

---

“Mundos comunicantes/mundos comunicados: sobre a prática da razão sociológica e a intervenção da câmara de filmar na pesquisa de terreno”

---

PINTO, José Madureira

Faculdade de Economia/Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

---

### Resumo

Quando fui colocado perante o desafio de intervir neste Congresso no âmbito de uma Sessão Plenária sobre “mundos (sociais) comunicantes”, reagi com prudência.

De facto, incidindo a temática proposta, segundo a minha interpretação, na intensificação das interconexões e porosidades que, na era da globalização (não vejo como fugir ao estereotipo), se terão vindo a estabelecer entre mercados, sistemas produtivos, quadros culturais, processos identitários, estilos de vida, até modelos políticos, parecia fora do meu alcance preparar uma intervenção de tipo panorâmico que uma sessão com esta exigiria.

A não ser que, pensei, tivesse eu a habilidade de aqui vir propor algumas reflexões de carácter geral directamente inspiradas na pesquisa de terreno em que me encontro envolvido nos últimos anos – a saber, uma revisitação sociológica a uma colectividade local situada à entrada da primeira envolvente da Área Metropolitana do Porto, estudada pela primeira vez há três décadas na companhia de João Ferreira de Almeida, que a ela também voltou, com a sabedoria e a inteligência de sempre.





## 1

Quando fui colocado perante o desafio de intervir neste Congresso no âmbito de uma Sessão Plenária sobre “mundos (sociais) comunicantes”, reagi com prudência.

De facto, incidindo a temática proposta, segundo a minha interpretação, na intensificação das interconexões e porosidades que, na era da globalização (não vejo como fugir ao estereótipo), se terão vindo a estabelecer entre mercados, sistemas produtivos, quadros culturais, processos identitários, estilos de vida, até modelos políticos, parecia fora do meu alcance preparar uma intervenção de tipo panorâmico que uma sessão com esta exigiria.

A não ser que, pensei, tivesse eu a habilidade de aqui vir propor algumas reflexões de carácter geral directamente inspiradas na pesquisa de terreno em que me encontro envolvido nos últimos anos – a saber, uma revisitação sociológica a uma colectividade local situada à entrada da primeira envolvente da Área Metropolitana do Porto, estudada pela primeira vez há três décadas na companhia de João Ferreira de Almeida, que a ela também voltou, com a sabedoria e a inteligência de sempre.

Surgiu, naturalmente, a dúvida: poderão os resultados já obtidos nesta revisitação a uma colectividade com pouco mais de 1500 habitantes, que ainda hoje consideramos “rural”, embora se situe a pouco mais de vinte quilómetros em auto-estrada da cidade do Porto, dar uma contribuição útil para uma reflexão de alcance geral sobre “mundos sociais comunicantes”?

À medida que a pergunta se instalava, a vontade de responder afirmativamente não só se impunha com veemência crescente, como dava lugar a uma espécie de tentação do abismo epistemológica: abordar o *grande tema* proposto a partir de elementos informativos fornecidos por *uma* entrevista, aliás breve, a *um* habitante da colectividade.

A intenção passou a ser tentar mostrar, com base num depoimento singular de um não menos singular cidadão de uma colectividade local geograficamente confinante – comunicante - com a segunda mais importante área metropolitana do país, toda a capacidade que a sociologia tem para, pondo em relação, numa lógica de geração recíproca, estruturas de oportunidades – que são sempre, implicitamente, também, estruturas de constrangimentos –, por um lado, e sistemas de disposições, representações e valores incorporados em indivíduos concretos, por outro, repensar (não estou a dizer infirmar) algumas teses de tipo difusionista/conexionista/hibridicista presentes em muitos discursos sobre os mundos sociais contemporâneos.

Seria este, no essencial, o exercício a que a partir de agora me deveria restringir – e já não seria pouco -, se entretanto não tivesse sido entendido que, para reequilibrar o Programa do Congresso, havia conveniência em alargar a temática inicialmente proposta para esta Sessão a uma reflexão sobre as relações entre a análise sociológica e outras formas de expressão da realidade social, nomeadamente o cinema: “Mundos comunicantes/Mundos comunicados”. Consciente das limitações para discutir, em profundidade, tais relações, nem por isso afastei o novo desafio: na verdade, o facto de a pesquisa a que quis referenciar-me ter recorrido, ainda que de forma não inteiramente convencional, à linguagem cinematográfica deu-me alento para prosseguir.

Parto, pois, para a análise dos elementos recolhidos por entrevista, esse instrumento de recolha de informação sociológica que é também um complexo acto de comunicação, com dois objectivos: (i) *primeiro*, mostrar como o quotidiano, a um tempo móvel e frágil, de um jovem habitante de uma colectividade da região metropolitana do Porto, e o modo hesitante como sobre ele se exprime, podem tornar-se inteligíveis, quando perspectivados à luz do conhecimento sociológico; (ii) *segundo*, reflectir - muito brevemente - no efeito que pode ter, quer no plano das relações sociais de observação, quer no da construção do



conhecimento sociológico propriamente dito, a presença da câmara de filmar no cenário de uma pequena colectividade local objecto de re-visitação.

## 2

A entrevista a Jorge (nome fictício) realiza-se cerca de dois anos após o início de realização do Projecto.

Durante esse período, concluíra-se um trabalho de aprofundada contextualização das propriedades sociais da freguesia, em que, além do próprio João Ferreira de Almeida, participaram activamente Virgílio Borges Pereira, responsável pela ideia da re-visitação e um dos seus mais potentes motores de busca teóricos, João Queirós, coordenador operacional de toda a pesquisa (mas, na verdade, bem mais do que isso), o sociólogo José Luís Casanova, a economista Ester Gomes da Silva e o geógrafo Miguel Nogueira (nomes verdadeiros).

Com recurso a várias centenas de indicadores e, claro, à vasta literatura produzida nos últimos anos, fôra, de facto, possível restituir com apreciável acuidade regularidades e dinâmicas demográficas, económicas, classistas, escolares, religiosas, políticas reportadas, quer à sociedade portuguesa no seu conjunto, quer a espaços regionais como o Tâmega, o Grande Porto, o Vale do Sousa e o concelho de Penafiel. Mas procedera-se igualmente à aplicação de um inquérito de caracterização sócio-demográfica junto de todos os grupos domésticos da freguesia e de um outro - sobre práticas, representações e estilos de vida - dirigido a uma muita extensa amostra do universo dos seus habitantes.

De todo este trabalho de reconstituição sincrónica e diacrónica de Fonte Arcada decorriam naturalmente muitos dos adquiridos cognitivos, que se revelaram também indutores de empatia comunicacional, com que eu próprio e João Queirós partíamos para a conversa com Jorge.

Sabia-se, antes de mais, que, não obstante a persistência do verde na paisagem da freguesia, a agricultura deixou há muito de ser, aqui e na região envolvente, a profissão principal predominante, tornando-se, para bastantes indivíduos e famílias, actividade complementar a tempo parcial e, depois, cada vez mais, ocupação residual, ainda que surpreendentemente resiliente. Talvez seja, em parte, por força deste último facto, que muitos dos traços da economia e modos de vida camponeses parece continuarem a pairar, através dos corpos e das memórias, nas dinâmicas de sociabilidade, estilos de vida e processos de identificação do grupo residente – uma espécie de herança cultural ou etos fora de tempo.

Também sabíamos que as alterações do sistema de emprego que acompanharam nos últimos trinta anos o forte declínio da agricultura camponesa no conjunto do Vale do Sousa não implicaram uma melhoria sustentada dos perfis de qualificação profissional, com o padrão de especialização produtiva regional a estruturar-se duravelmente em torno de actividades secundárias e terciárias baseadas na utilização intensiva de mão-de-obra barata e pouco escolarizada - uma tendência acompanhada e de algum modo reforçada, no mesmo período, pela grande atractividade de percursos de mobilidade geográfica motivados pelo trabalho, sobretudo migrações pendulares de raio cada vez mais alargado, que têm nos estaleiros da construção civil, em todo o noroeste e também já em Espanha, o espaço de inserção profissional predominante.

Alguns números ajudarão a esboçar as propriedades do mercado de trabalho e o horizonte de possíveis profissionais ao alcance dos habitantes da região.

Segundo o INE, em 2001, sete em cada dez activos do concelho de Penafiel não tinham mais de 6 anos de educação formal; quatro em cada dez activos do sexo masculino do mesmo concelho – repito: quatro em cada dez homens activos – estavam, nesse mesmo ano, empregados no sector da construção civil.



De acordo com o inquérito realizado em 2007, Fonte Arcada não se afastava significativamente, neste ponto, dos padrões concelhios, embora deva ser sublinhado o facto de, no grupo etário dos homens entre os 15 e os 29 anos – onde Jorge se integra –, 60% dos inquiridos declarar que exercem actividade em itinerância, quase sempre na construção civil, e nalguns casos fora do país.

Não surpreende que, neste quadro económico-social, o prosseguimento de estudos com sucesso no ensino pós-obrigatório continue a ser para muitas famílias da região um trajecto improvável. Ainda que construam, para os mais novos, vagos projectos de mobilidade social baseados na escolarização, tais famílias acabam frequentemente por evitar os riscos e perdas associados a um investimento escolar de longo prazo (insucesso, inutilidade ou obsolescência dos títulos académicos, etc.). O facto de a inserção precoce nos mercados de trabalho locais, fortemente intensificada pelo mecanismo das migrações pendulares, permitir conciliar as necessidades de ampliação dos orçamentos familiares com as aspirações de acesso antecipado dos jovens às vantagens da condição de “adulto”, em particular no que toca à materialização de desejos de consumo e independência pessoal, só vem reforçar aquela tendência.

Enquanto, há cerca de trinta anos, a renúncia à escola e o insucesso escolar aconteciam, para muitos jovens da região, logo no patamar dos primeiros quatro anos de escolaridade, é sobretudo na transição para o ciclo de escolaridade pós-obrigatória que, hoje, se desenvolvem esses processos. No início do período considerado, era o complexo constituído pela agricultura camponesa declinante e o sistema de postos de trabalho pouco qualificados do Grande Porto que, no essencial, identificavam os limites estruturais impostos pelo sistema produtivo regional ao sistema de aspirações de mobilidade social fundadas na procura de escolarização. Actualmente, a tendência é para que seja nos segmentos pouco qualificados e mesmo informais do sistema de emprego da indústria transformadora, do terciário e sobretudo da construção, localizados em pontos cada vez mais distantes do espaço nacional e internacional, que se inscrevem aqueles mesmos limites.

Não deixa, ainda assim, de ser pertinente e gratificante saber que, em trinta anos, a percentagem de indivíduos em situação de privação cultural extrema (analfabetismo literal e perilliter) baixou significativamente em toda a região, passando, concretamente, em Fonte Arcada, para um quinto do valor registado aquando do primeiro estudo. Outros números, mais favoráveis, aliás do que os obtidos a nível concelhio, dão a entender que a conclusão do ensino obrigatório de nove anos se tem vindo a concretizar aqui de forma generalizada desde há mais de uma década.

Embora se saiba continuar a haver alguma dificuldade por parte das famílias em fazerem o acompanhamento escolar dos filhos, verifica-se serem muito baixos os índices de insucesso escolar nas duas escolas do 1º Ciclo de Ensino Básico da freguesia e baixos também os que se verificam no 2º e 3º Ciclos, esses leccionados fora de Fonte Arcada. O empenhamento das equipas docentes, que inclui um relacionamento regular e relativamente intenso com grande parte dos pais, a par do conjunto de apoios consolidado há já bastantes anos a nível do pré-escolar, actividades de tempos livres e transportes escolares explicarão em grande parte os bons resultados conseguidos nestes primeiros patamares do sistema de ensino.

Os baixos índices de conclusão da escolaridade de 12 anos e de frequência do ensino superior, por um lado, e a intensa saída precoce do sistema educativo, por outro, sugerem que as dificuldades de relacionamento dos fontarcadenses com a escola se concentram hoje a partir da conclusão da escolaridade obrigatória. Tudo indica que, para muitas famílias da freguesia, frequentar a escola durante nove anos – período de tempo bastante superior ao dos curtos trajectos escolares outrora realizados por muitos dos seus membros –, constitui já uma exigente e prolongada provação, não se vendo razões fortes para investimentos escolares adicionais, de tal forma se considera incerto o seu retorno e elevado o respectivo custo de oportunidade. Indiferentes ao fenómeno de translação de estruturas, que, como se sabe, impõe aos títulos escolares drásticas desvalorizações ao longo do tempo, são então muitos os fontarcadenses que, à entrada do actual “século do conhecimento”, se tornam, sem querer, cúmplices da reprodução da condição social periférica da região.



A palavra a Jorge.

### 3

Jorge, dezoito anos, é operário da construção civil em Espanha e diz ter completado o 9º ano de escolaridade sem dificuldades de maior, já que só reprovou uma vez, no 8º: “Não reprovei por não saber, foi mais por andar aí ao alto...”, garante.

Filho de uma empregada de padaria e de um serralheiro que, durante muito tempo, trabalhava por conta própria na construção civil, afirma ter aprendido a arte de soldador desde pequeno, auxiliando o pai na sua actividade profissional. Apesar de não dispor de qualquer certificação escolar de tais competências – “A experiência que eu tenho não tem nada a ver com a escola”, “Aprendi tudo com o meu pai, sempre à beira dele”-, nem por isso abdicou de pensar o seu futuro profissional a médio prazo na base de uma carreira como soldador. Para já, como servente, faz tudo o que o encarregado da obra manda fazer (serviço de trolha, de carpinteiro, de electricista, o que tiver mais à beira), mas a intenção “é depois vir para a (sua) arte”.

Desenvolvera esta última de forma mais estruturada trabalhando a tempo inteiro com o pai, logo após a conclusão do 9º ano, “mas, entretanto, aquilo não deu”: “o meu pai teve que fechar, e eu (...)...tive que seguir”. Porque “não lhe convinha ficar muitos dias em casa” e não surgiram de imediato propostas de trabalho em Portugal “para poder arrancar logo”, decidiu ir para Espanha trabalhar nas obras, para já no distrito do Lugo, a seguir provavelmente em San Sebastian.

Vivida entre, por um lado, o registo da necessidade feita virtude (Jorge sugere que os pais estão contentes com a situação profissional do filho, nada opondo à sua saída da escola: “faz o que tu achares melhor”) e, por outro lado, o da precariedade transitória à procura de melhor emprego (“com a arte que eu sei” e com a aprendizagem da língua espanhola, o futuro profissional em Espanha pode vir a ser compensador – “lá dá para cima do dobro do que dá aqui”), esta aproximação precoce ao assalariamento, correlativa de uma desvalorização do investimento em capital escolar, corre o risco de se constituir em activo mecanismo de subalternização social.

Mas o caso de Jorge mostra não ser este último um processo linear.

Por várias vezes dá a entender que não desistiu da escola, que até já se inscreveu “para estudar de noite”, que está à espera que “eles (o) chamem”, que vai perguntar “quando é que começam as aulas”. Mas a questão não parece resolvida: “Se as aulas começarem mais à frente, vou aproveitar mais tempo em Espanha, se começarem já, se calhar, volto para Portugal”. Não é que o trabalho na construção civil em Espanha não compense – “compensar, compensa...; mas é sempre outra coisa uma pessoa ter os estudos”.

Há, aliás, outro dilema a interpor-se na elaboração do projecto profissional de Jorge. Ainda que de forma difusa, ele reconhece que a polivalência funcional desqualificante a que os estaleiros da construção civil o condenam – “eu aqui era serralheiro, soldador”, e lá “estou a trabalhar (...) como servente” – pode inviabilizar a construção de uma carreira profissional minimamente estruturada e gratificante. A referência ao facto de a seu lado trabalharem, em tarefas indiferenciadas e desqualificadas, algumas dezenas de homens bastante mais velhos do que ele próprio, uma espécie de veteranos da mobilidade espacial feita no interior de segmentos subalternos do campo económico, sugere que encara com preocupação a possibilidade de a precariedade da sua situação profissional vir a ser menos transitória do que desejaria.

Tudo somado, parece serem dois os cenários profissionais que acolhe com mais simpatia: o primeiro implica permanência em Espanha, a trabalhar eventualmente em estaleiros bem mais distantes do que os que agora frequenta, desde que as tarefas desempenhadas permitam aplicar e valorizar as competências que adquiriu, por experiência, na oficina do pai (é um cenário que poderá implicar migrações pendulares a



ritmo quinzenal e não semanal, como nesta altura); já o segundo cenário, centrado em Portugal, associa ao mesmo desejo de requalificação de tarefas a frequência da escola até ao 12º ano numa lógica de segunda oportunidade, apresentando a vantagem de ser compatível com pendularidades menos penosas.

A forma como descreve o seu recrutamento para os estaleiros espanhóis e a análise que faz da composição, eminentemente variável em dimensão e em proveniência geográfica, das equipas em que se integra e com quem viaja, semana após semana, entre Fonte Arcada e o Lugo são bem elucidativas da importância que têm, na constituição deste exército de assalariados eminentemente móveis, as redes informais de conhecimentos.

Através de conceitos como os de “cadeia de mobilidade”, “rede de recrutamento” ou “rede de mobilização”, salientam os estudos sobre trabalho e emprego que conseguem libertar-se da irrealista candura da economia neo-clássica o conjunto de afinidades objectivas e subjectivas que se estabelecem e reproduzem, nos espaços sociais concretos, entre modalidades de recrutamento privilegiadas pelos empregadores e formas da vida social local. Nuns casos, é a congruência entre “subculturas” dos grupos sociais mobilizáveis para o trabalho e as estratégias de recrutamento dos empregadores o que, no essencial, se sublinha; noutros, salienta-se sobretudo a eficácia das redes de parentesco, de vizinhança ou mesmo de afinidade étnica na produção e reprodução dos lugares, hierarquias e modos de acesso do sistema de emprego; noutros ainda, será o ajustamento global entre *habitus* dos empregadores e dos agentes que integram os vários segmentos da mão de obra de reserva em cada bacia de emprego que determinará o funcionamento de redes de mobilização para o trabalho.

Havendo no depoimento de Jorge elementos informativos largamente compatíveis com alguns destas interpretações sobre a eficácia das afinidades entre práticas de recrutamento e aspirações profissionais, relevante será perceber que, ao limitarem dentro de um círculo de oportunidades sociais bastante circunscrito, as alternativas de mobilidade profissional de largos segmentos das populações locais, é muito discutível que as trajectórias laborais alimentadas pelos circuitos da pendularidade possam ser encaradas como verdadeiras opções ou estratégias finalizadas de ascensão social. Quando muito, estratégias objectivas condicionadas, já que, apesar de terem como fundamento aproximações tácitas entre modelos culturais e de aprendizagem social e procuras de força de trabalho, tudo indica que actuem mais no registo da necessidade e da compulsividade do que no de afinidades electivas propriamente ditas. Pode acontecer, nestas circunstâncias, que alguma abertura reflexiva e a boa vontade de Jorge relativamente ao reingresso na escola venham a ser, afinal, prosaicamente corroídas pela força das coisas, inclusive sob a forma de uma angustiante falta de tempo para organizar o futuro – não estando excluído, além disso, que a sua renúncia à acumulação de capital cultural acabe por encontrar justificação em alegados proveitos garantidos por um capital de mobilidade em que permanentemente reinveste.

Uma análise do que diz sobre o modo de estruturação semanal dos seus tempos de trabalho e de lazer confirma, aliás, tal possibilidade.

A partida para o trabalho em Espanha, em carro de cinco ou carrinha de nove lugares, acontece por volta das três da madrugada de 2ª feira, seguindo-se-lhe uma viagem de cerca de três horas, cujo itinerário é condicionado pelo local (variável) de residência dos passageiros, inclui uma paragem em Chaves (“aí há portugueses por todo o lado”, “nunca imaginei que andasse tanta gente a trabalhar em Espanha”, diz Jorge) e tem o seu término “uma horinha antes” de começar o dia de trabalho: “Chego lá, mudo de roupa, vou logo trabalhar”.

Na 2ª feira à noite, admite Jorge, “uma pessoa já não tem tanto apetite para estar (...) na conversa e ver televisão e assim. Toma um banhinho e vai logo para a cama”. Mas, depois de (uma pessoa) se habituar, “não custa nada”: vários colegas na casa dos cinquenta anos fazem a mesma coisa e aguentam. Jorge partilha com outros operários um apartamento (“temos boas condições, temos televisão”), onde à noite jantam, tomam banho, ficando por ali: “não dá muito para sair”.



O retorno a Portugal pode iniciar-se logo a partir da uma hora e meia de 6ª feira, uma vantagem conseguida à custa de compensações de horário feitas nos outros dias. Antes das sete da tarde, já Jorge está em Fonte Arcada, preparado para gozar o fim de semana com os amigos, na própria freguesia ou no Porto (“depende...”). Quaisquer excessos que se cometam estão limitados pela necessidade de dormir durante toda a manhã ou toda a tarde de domingo, sem o que será mais difícil aguentar a viagem até Espanha, recomeçando o trabalho logo após a chegada.

No depoimento de Jorge, um jovem que não desconhece as possibilidades da comunicação em tempo real e que, por outro lado, se familiarizou como poucos com a abertura de horizontes sensoriais ligadas à mobilidade geográfica, não deixa de ser surpreendente a importância que têm as referências ao lugar de origem, à casa, à família e ao círculo de amigos que se juntam ao fim de semana no café. Não menos interessante será, por outro lado, a ausência, nesse conjunto de alusões aos referentes locais, de marcas de uma qualquer valorização simbólica da colectividade de pertença, tão comum em processos de identificação sócio-espacial.

Jorge parece escapar, quer ao cosmopolitismo que, na era das novas tecnologias, a sua condição de mutante circulando num espaço físico alargado deveria promover, quer a um localismo ideologicamente sobredeterminado que o levaria a absolutizar as propriedades essenciais da sua terra.

Objectivamente afastado de espaços de convivialidade que, adjacientemente ao trabalho, o poderiam levar a uma integração aliciante na esfera dos lazes juvenis em Espanha – e aqui a restrição ao nível de capital cultural, não sendo única, é determinante –, Jorge acaba por encarar o regresso fugaz a Fonte Arcada como a única oportunidade que tem para, fora das penosas imposições do trabalho, usufruir da condição juvenil. Usufruto bem curto, aliás, já que, sendo necessário utilizar uma parte do fim de semana para recuperar forças, poucas são as horas que nesse período de pausa tem para se divertir. Se o lugar parece, indiscutivelmente, no discurso de Jorge, um gerador de identidade, tudo indica que ele se situe muito mais no registo da sinalização desencantada de uma condição subalterna do que no da simbolização auto-encantatória da comunidade de pertença.

#### 4

Se, para os dois sociólogos que se preparam, ao princípio da tarde de sábado de Dezembro, para entrevistar Jorge, a invocação ainda que implícita dos conhecimentos teóricos e empíricos sistematizados nas primeiras fases do trabalho é determinante para a definição da estratégia de abordagem do entrevistado, não menos o será a reflexão sobre a situação de observação que sabem ir desencadear.

E, nesta perspectiva, os dados disponíveis apontavam para o seguinte: Jorge está no café onde vai decorrer a entrevista acompanhado do seu grupo de amigos, algumas mesas ao lado de uma outra, onde, há pouco, se sentava um dos notáveis da colectividade; razões de representatividade teoricamente fundamentada tinham levado a sondar há já algum tempo a sua disponibilidade para “dar” uma entrevista, sendo de aguardar que não oponha resistência à interpelação iminente nem ao respectivo registo áudio. Reafirmando intimamente a crença nas potencialidades da semi-directividade, resta aos entrevistadores abrirem a porta do café, entrarem e olharem para o local onde está Jorge. Vêem-no retribuir o olhar e, estimulado pelo apoio de um conviva, levantar-se com energia em direcção à mesa onde vai ter lugar uma conversa a três, durante 21 minutos e 39 segundos.

A reflexão acerca da natureza das relações de observação que tendem a estruturar a recolha de informação sociológica em colectividades locais esteve presente desde o início de preparação da visita.





O facto de grande parte das tarefas mais exigentes do trabalho de terreno, nomeadamente a aplicação de questionários, ser protagonizada por sociólogos cuja formação académica havia incorporado quer a problematização dessas questões, quer alguma exercitação prática em torno do modo concreto de as resolver contribuiu para que nelas se assumisse, com naturalidade, em cada momento, que, além de vontade de conhecimento, a inquirição envolve sempre transacções sócio-simbólicas e afectivas de grande complexidade - que, na medida do possível, importa objectivar.

Ana Carolina Mendonça, Ana Sofia Freitas, César Santos Silva, José Pedro Silva foram os sociólogos com responsabilidade directa na aplicação dos questionários. Sem a sua proficiente acção, e a de João Queirós, que hoje detém seguramente um dos mais minuciosos mapas mentais da freguesia, não teria sido possível obter a riquíssima base de dados com que estamos e continuaremos a trabalhar.

Prevíramos, desde o início do estudo, que o facto de ele ser uma *revisitação* viria a influenciar, em várias dimensões, os modos de percepção, pelos habitantes, das operações de pesquisa a realizar, pelo que a fase de entrada no terreno foi rodeada de especiais cuidados: promoveram-se contactos exploratórios dos membros da equipa de investigação com actores locais; difundiram-se “editais” explicitando os objectivos e filiações institucionais do projecto e dos seus responsáveis; reactivaram-se contactos pessoais antigos, entretanto interrompidos; realizaram-se encontros formais com os actuais “notáveis” da freguesia.

Mas, além disso – o pormenor é importante e permite-me chegar, embora com grande atraso, ao cinema -, começou a circular na colectividade a equipa de cineastas do Projecto, constituída por Serge Abramovici e Regina Guimarães e o engenheiro de som Rui Coelho.

Na fundamentação inicial da estratégia de *revisitação* da freguesia, acentuara-se a intenção de reforçar o papel da observação directa, associando aos procedimentos convencionais desse tipo o uso da fotografia e do cinema, na convicção de que a produção de conhecimento sociológico pode aperfeiçoar-se e conquistar territórios novos com a análise secundária de materiais e sentidos construídos, ainda que de forma alusiva, pelos quadros de inteligibilidade e a incontornável pulsão estética de manuseadores de imagens.

Acontece que, sem recusar a realização do tipo de tarefas de recolha de etnográfica e documental que inicialmente lhe foram cometidas, acabou a equipa de filmagem por negociar a recriação do conteúdo do seu “posto de trabalho”. Deixou de se esperar dela o mero cumprimento de protocolos de observação directa metódica da realidade para se passar a aceitar a sua presença e participação como observadora e parte do próprio processo de construção de conhecimento sociológico em curso. Os sociólogos-objectivadores passavam a estar eles próprios sob observação.

Interrogações várias assaltaram, como seria de esperar, os outros membros do colectivo de investigação.

Com esta participação por dentro dos procedimentos convencionais de inquirição, não viriam a câmara e a insólita “girafa” de captação do som (bem como a presença física dos seus accionadores) aprofundar, radicalizar mesmo, as dinâmicas de interferência que a objectivação sociológica sempre induz, inviabilizando qualquer ambição de abordagem “suave” dos inquiridos e o controle racional dos seus efeitos?

Não se perderia definitivamente, com a exposição da panóplia de meios tecnológicos de filmagem, a própria possibilidade de obter o consenso pré-comunicacional mínimo que permite começar um diálogo?

Em suma: com a intromissão da câmara, não estaria em risco a concretização da estratégia (deliberadamente não-intrusiva) que se havia definido?

Gerir com prudência as relações com os membros de duas gerações de notáveis da freguesia - a dos antigos notáveis, alguns dos quais bons aliados dos protagonistas do primeiro estudo, e a dos



novos notáveis, cujo apoio se procurava agora obter - tornou-se, para os responsáveis do projecto, uma preocupação importante. Pois bem: não se correria o risco de, com a intromissão da câmara de filmar, melhor, do seu estatuto enquanto instrumento de poder, estimular conflitos políticos locais, inutilizando canais de informação cruciais e enviesando ingloriamente o jogo sociológico?

Sem ser possível avaliar, nesta altura, todos os efeitos das filmagens no cenário da pesquisa, algumas considerações podem, apesar de tudo, ser avançadas.

Em primeiro lugar, a de que a presença da câmara no terreno (que aliás não acompanhou senão a realização de um número restrito de inquéritos) não terá contribuído, a não ser excepcional e provisoriamente, para inibir o “interesse expressivo” dos potenciais inquiridos - isto é, a sua propensão para falar e dar opinião -, podendo mesmo ter actuado como estimulador implícito da tomada de palavra, numa colectividade onde, como vimos, não só se desvaneceram significativamente, de há trinta anos a esta parte, as marcas de privação cultural extrema, como se tornou muito intensa a identificação com modalidades expressivas de matriz mediática, afins das associadas à equipa de filmagem.

Se a boa vontade informacional no acto de “dar entrevistas” se revelara, na altura da pesquisa original, rara e ao alcance apenas de restritos sectores da população mais escolarizados e socialmente extrovertidos, tudo indica que ela se tenha generalizado paralelamente ao processo de crescente mediatização da vida quotidiana e ao movimento de hiperlegitimação e de sobredistinção estatutária entretanto alcançado pelos quadros culturais e protagonistas dos *media*, sobretudo a televisão. É de crer que a relação desinibida de Jorge com a situação de entrevista radique, pelo menos em parte, neste quadro de afinidades culturais.

A presença da equipa de filmagem no espaço público e nas cerimónias festivas e religiosas da colectividade, numa postura de recolha documental eventualmente associada pelos cidadãos a objectivos de projecção no exterior das tradições locais, poderá ter favorecido a recepção benevolente, compreensiva, até entusiástica, dos modos peculiares da objectivação sociológica, inclusive na situação formal e constrangedora da inquirição. Embora não seja de excluir que tal facto também possa ter induzido algum efeito de eufemização/ritualização das suas práticas e atitudes, como parece demonstrar a organização, por parte de um grupo de mulheres da minoritária fracção do campesinato local, de uma desfolhada feita à maneira tradicional, que as promotoras fizeram questão de “oferecer” a toda a equipa de pesquisa (de facto, mais aos artistas do que aos outros).

Outra hipótese – que merece ser aprofundada – é a de a filmagem de algumas situações de interacção ter interferido mais com os inquiridores do que propriamente com os inquiridos. Não é de todo implausível que a presença da câmara tenha sido encarada, pelo menos inicialmente, como um momento de potencial avaliação de profissionais preparados para objectivar, e não tanto para serem objectivados no momento em que exercitam as suas competências. Resta saber se, nestas circunstâncias, o cineasta não terá sido visto pelos inquiridores como uma espécie de censor, eventualmente em representação do responsável do projecto – de facto, personagem inteiramente inocente na matéria...e que aliás não foi, ele próprio, poupado à objectiva.

Convém que se refira, para relativizar o que acabámos de dizer sobre o papel da objectiva em campo, que, na perspectiva dos sociólogos directamente envolvidos na aplicação do questionário, terá sido, sobretudo, a qualidade global do processo de difusão da informação sobre a natureza do estudo conseguida durante a fase exploratória que se revelou crucial no momento de aplicação do inquérito. Realçam eles, a esse propósito, que a circulação da notícia sobre a iminente realização do inquérito feita através de folhetos levados até às famílias pelos alunos das escolas locais foi significativamente mais eficaz do que a protagonizada pelos “notáveis” institucionais. Por outro lado, reconhecem, a partir da verificação de que a disponibilidade dos fontearcadenses para responder aos questionários aumentava à medida que, em cada lugar, outros vizinhos eram inquiridos, que os mecanismos associados ao interconhecimento e à comunicação de proximidade actuaram igualmente com alguma eficácia. Tudo aponta, nestas circunstâncias, para que, *ceteris paribus*, o prolongamento do período de



preparação da entrada no terreno permita, pelo menos em espaços sociais com forte “densidade moral”, como estes ainda serão, ganhos substanciais na altura da aplicação dos procedimentos de inquirição.

O exercício de racionalização sobre a inquirição sociológica no terreno desenvolvido, no fim do trabalho de campo, pelos seus principais protagonistas, aponta ainda para a necessidade de ter alguma prudência na generalização de certas considerações relativas aos níveis de interesse expressivo dos inquiridos. Estando esse interesse associado a disposições individuais socialmente determinadas, não deve ser encarado como um dado, e muito menos como uma constante, não surpreendendo que, nalguns casos, ele cresça à medida que o questionário vai sendo administrado e que se aprofunda o esforço de reflexividade por ele discretamente desencadeado. Instrumento de objectivação inibidor à partida, não deixou o questionário de se revelar, por vezes, nesta revisitação a Fonte Arcada, graças seguramente a dinâmicas de aproximação empática bem conseguidas, potente mobilizador catártico – e, nesses casos, a informação terá mesmo emanado...por excesso.

Ao contrário do que sugerirão certos usos espontaneistas da narrativa cinematográfica nos discursos sobre o social, não é, aliás, certo que um tal efeito de tomada de palavra e desvendamento esteja sempre ao alcance da câmara de filmar. O facto de, como aconteceu nesta revisitação, o preenchimento de cada questionário ser acompanhado de uma profusão de pequenas mas por vezes muito informadas anotações está longe de ter paralelo nos procedimentos de rotina do caçador de imagens – normalmente mais mobilizado pela singularidade aparente dos sujeitos observados, sempre de algum modo saturada de sentidos, do que pelos elementos de conhecimento que ajudem a definir a sua singularidade estrutural. Trabalhado com perícia, um instrumento aparentemente frio e inconclusivo como o questionário, pode assim tornar-se mais quente e denso em termos informacionais do que a entrevista olhos nos olhos ao alcance da câmara de filmar.

E aqui está como o debate sobre os usos das técnicas de observação nas ciências sociais, longe de ser matéria para morrer nas páginas dos manuais, merece estar sempre no centro do processo de reflexividade que deve acompanhar cada passo do conhecimento sobre o social.

## 5

Vou terminar.

Se esta intervenção fosse um filme, começariam a surgir nesta altura, perante os vossos olhos, os nomes de todos os participantes no estudo, incluindo os habitantes que se prestaram a falar da sua vida, assim como os das instituições que mais directamente o apoiaram, a saber o Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, entidade de acolhimento, e, claro, a Fundação para a Ciência e a Tecnologia, que o financiou.

Simultaneamente com os agradecimentos, passariam as imagens de alguém (talvez sociólogo) a regressar a casa, ouvindo-se *em off* uma voz, carregada com alguma solenidade epistemológica, que disserta sobre velhas oposições, nomeadamente “compreensão versus explicação”, que têm feito o seu curso na história da sociologia. A voz, ainda que imprecisamente, vai sugerindo a ideia de que a pesquisa de terreno feita com tempo, isto é, com um investimento forte em termos de contextualização empírica e teórica dos objectos observados, por mais singelos que sejam, e com abertura permanente a cruzamentos auto e heteroreflexivos que invadam benevolmente todos os seus momentos, incluindo os dos mais modestos procedimentos de observação, pode afinal ser a forma mais eficaz de aproximação empática aos actores e processos sociais.



Percebe-se que o presumível sociólogo pronuncia hesitantemente algumas palavras: qualquer coisa como “*compreensão explicativa*”. E que, olhando para a auto-estrada, igual a outras por onde passará Jorge no seu regresso a Lugo, vai acompanhado de um incómodo nó na garganta.

*(Fade-out).*

**Fim.**